

RELENDO BRASIL NUNCA MAIS

LINIANE HAAG BRUM

Universidade Estadual de Campinas / Instituto de Estudos da Linguagem
Doutoranda em Teoria e História Literária na UNICAMP e mestre em Literatura e Crítica Literária pela PUC/SP; integrante do Grupo de Pesquisa Direitos Humanos, Democracia, Política e Memória do Instituto de Estudos Avançados da USP.

RESUMIO: *Brasil Nunca Mais* (1985) é um marco editorial, memorial e histórico. Trata-se de obra derivada do Projeto Brasil Nunca Mais, que consistiu na duplicação e organização, de modo sigiloso, “dos processos políticos que tramitaram na Justiça Militar brasileira entre 1964 e 1979” (ARQUIDIOCESE de São Paulo, 1985, p. 22). Ou seja, é um testemunho da violência praticada pelo Estado de exceção, a partir de documentos que o sistema repressivo produziu. À leitura do seu prefácio, Testemunho e Apelo, assinado pelo Cardeal Emérito de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, vamos distinguir o gesto e a dimensão testemunhal inscrita na obra, tomando-os como reativadores potenciais da memória ditatorial. Para isso, o arcabouço conceitual da Literatura de Testemunho será fundamental. Ao lidar com o Testemunho, é preciso considerar o teor testemunhal que caracteriza a obra. Ou seja, é necessário compreender a natureza da relação entre o real e a escritura (SELIGMANN-SILVA, 2008): não se trata de uma expressão ipsis litteris da realidade, o real que nos concerne aqui “deve ser entendido na chave freudiana do trauma, de um evento que resiste à representação” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p.01). A eleição de um texto escrito em primeira pessoa, no qual a expressão da subjetividade se mescla à circunstancialidade, deriva da questão e da forma confessional (Foucault) que atravessa o Testemunho. É por isso também que o cotejo entre o ABNM, a fonte material alocada no Arquivo Edgard Leunroth, na Unicamp, e a obra BNM, é nosso principal procedimento metodológico. A partir da pasta denominada Rascunhos BNM, encontrada recentemente no acervo e até hoje não catalogada, foi localizado um texto anônimo de apresentação, escrito em primeira pessoa e análogo ao introito publicado do Cardeal de São Paulo. A pergunta-guia: o que migrou e o que ficou de fora de *Brasil Nunca Mais*, tendo em vista a analogia entre os dois textos? E por quê? Ao responder esta pergunta, espera-se delinear um percurso metodológico que sirva como instrumento para pesquisas futuras e para o exercício da docência. Ao fim e ao cabo, é um trabalho que evoca, de modo subjacente, as palavras de Derrida: “O arquivo sempre foi um penhor e, como todo o penhor, um penhor do futuro”. (DERRIDA, 2001, p. 31) O teórico maior do arquivo enquanto linguagem é nossa referência essencial, ao lado dos estudos de Seligmann-Silva sobre o testemunho e a memória. Trata-se de um trabalho que reapresenta *Brasil Nunca Mais* à luz dos desafios éticos que a nossa atualidade impõe. Assim, é também um exercício de (res)significação do passado ditatorial brasileiro sob a ótica dos preceitos democráticos e dos Direitos Humanos vis-à-vis à cultura contemporânea, três instâncias que têm sofrido severos ataques no nosso país.

PALAVRAS-CHAVE: BRASIL NUNCA MAIS - DIREITOS HUMANOS - MEMÓRIA